SEFIC2017 UNILASALLE
A PESQUISA E O RESPEITO À DIVERSIDADE
16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017
ISSN 1983-6783

A MEMÓRIA COLETIVA NA TRAJETÓRIA DA LOJA CONTRAPONTO

José Francisco Ribeiro de Lemos,Maria de Lourdes Borges (orientadora)
Universidade La Salle

Resumo

O objetivo deste artigo é o de refletir, sob a perspectiva da memória coletiva, a trajetória da Loja Contraponto, situada no sítio histórico da UFRGS e constituída sob os princípios da economia solidária. Para atingir tal objetivo foi realizado um estudo de caso. As evidências apontam, no que tange à memória coletiva da Loja Contraponto, que as lembranças estão presentes apenas nas falas das pessoas que lá estão; necessitando ainda sistematizar essas informações com registros para o futuro.

Palavras-chave: *Economia Solidária, Memória.*

Área Temática: Ciências Sociais Aplicadas

1. Introdução - Propósito central do trabalho

O objetivo deste artigo é refletir sobre a trajetória da loja Contraponto sob a perspectiva da memória coletiva. A Contraponto está situada no sítio histórico da UFRGS e é gerenciada sob os princípios da economia solidária. A Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tem na Loja Contraponto um dos seus projetos mais desenvolvidos e estruturados. O Contraponto refere-se à uma loja de comercialização solidária de produtos variados como artesanato, confecção e alimentos ecologicamente corretos. Além disso, proporciona uma interação entre os seus trabalhadores e o público consumidor a partir da produção, a aquisição e a circulação desses produtos.

Chama a atenção que o projeto da loja Contraponto foi idealizado sob os preceitos da economia solidária. A economia solidária é uma necessidade de trabalhadores que ficaram desempregados e não conseguiram voltar ao mercado de trabalho e daqueles que desenvolvem uma atividade na informalidade, em decorrência das crises econômicas. (LEITE, 2009). Ao falarmos de economia solidária no Brasil, Paul Singer é o grande difusor de ideias e filosofia sobre este tema. Ele foi titular da Secretaria Nacional da Economia Solidária, essa Secretaria foi criada no governo Luiz Inácio Lula da Silva no ano de 2003 e passou a funcionar já no primeiro semestre.

A economia solidária surge a partir da formação de cooperativas e de associação de trabalhadores, os quais se organizam de uma maneira distinta da tradicional, pois buscam a autogestão (quando o empreendimento é gerido pelos próprios trabalhadores de forma coletiva e democrática). (SINGER 2008).

Depois de um longo período idealizando e enfrentando as barreiras para sua legalização, o projeto foi implantado. A trajetória da Contraponto será melhor explicada no item 3.1 deste artigo.

Além da presente introdução, este artigo apresenta o referencial teórico sobre memória social e coletiva e sobre economia solidária, em seguida apresenta a metodologia, a contextualização do caso estudado, a discussão e as considerações finais.

ISSN 1983-6783

2. Marco Teórico

2.1 Memória Social e Coletiva

Para Michael Pollack, em entrevista para o CPDOC, quando se fala em memória há possibilidade de relacioná-la com a identidade social, uma vez que as memórias são estruturadas através da oralidade. (POLLAK, 1992). Para Pollak (1992) a memória pode remeter à individualidade e à própria essência do indivíduo, na qual ninguém pode lhe retirar as vivências, lembranças e fatos ocorridos. (POLLAK, 1992).

Porém Maurice Halbwachs (1920-1930) possui um outro olhar sobre esta situação, pois entende que as lembranças, podem ser fomentadas em grupo e com isso sofrem mudanças e transformações, não deixando de lado a vivência de cada indivíduo. A memória coletiva apresenta-se flutuante e mutável. (HALBWACHS 1929-1930). Esta situação pode ser observada, a título de exemplificação, em entrevistas muito extensas. Nelas, observa-se que a ordem cronológica não é respeitada, sendo as questões abordadas de diversas formas. Porém, a memória possui pontos que não podem sofrer variações, devido as características na qual já fazem parte da essência do indivíduo (POLLAK, 1992). Já Pollak (1992) entende que a construção da memória vai sendo constituída a partir de experiências próprias de cada indivíduo ou de forma coletiva em grupos específicos. É possível também que o indivíduo guarde informações ou lembranças repassadas pelo grupo em que ele habita, de fatos ocorridos que ele não vivenciou, conseguindo lembrar somente devido às informações incessantes dadas pelo grupo. (POLLAK, 1992).

Ao falar sobre as lembranças de lugares, onde os indivíduos frequentam e realizam suas tarefas ou lazeres, a memória ora possui características mais íntimas e pessoais daquele indivíduo, ora não possui apoio no tempo cronológico. (POLLAK, 1992). A memória com o viés de características mais íntimas está interligada a lembranças de locais na qual o indivíduo vivenciou um bom momento como uma comemoração, ou por um fato trágico como um acidente. Em relação ao tempo não cronológico refere-se a locais, lugares em que o indivíduo não vivenciou, mas possui estas recordações devido aos relatos do grupo (entendida como vivência por tabela) (POLLAK, 1992).

Nem tudo na memória fica gravado ou registrado, pois a memória é seletiva. Esta seleção baseia-se nas memórias individuais e coletivas, ocorrendo quando a preocupação do momento se torna fator determinante. (POLLAK, 1992). Os acontecimentos, personagens e lugares, podem ser reais ou projeções de outros eventos, que ficam gravados na lembrança devido a uma data precisa de um acontecimento público, bem como as datas oficias podem ser marcantes do ponto de vista político. (POLLAK, 1992).

Na construção da identidade são elementos importantes: a unidade da pessoa fisicamente (o limite do corpo); limites de pertencimento ao grupo (aspecto coletivo); continuidade dentro do tempo sentido físico; sentido psicológico e moral. A memória suporta certo sentimento de identidade, tanto individual como coletivo. O sentimento de identidade é importante para a continuidade e coerência de um indivíduo ou grupo específico (POLLAK, 1992).

Segundo Pollak (1992) a sociologia discute a identidade coletiva, tal como o que é necessário (e aceito) ser feito durante um período de tempo; validando o trabalho de cada membro do grupo (família e nação), bem como o sentimento de unidade, continuidade e coerência (POLLAK, 1992).

Segundo Halbwachs (1990) a memória individual é inata. Portanto, para o autor, a memória individual não se extingue, pois ela está inserida de diferentes formas nas representações dos membros do grupo. Dessa maneira, a memória individual migra do estado único para uma situação de compartilhamento entre os membros do grupo, ou seja, acontece uma transição da memória individual para a memória coletiva. Segundo Halbwachs é necessário a existência de uma intuição sensível, pois ela é fundamental para que haja um equilíbrio entre os interesses individuais e dos grupos. (HALBWACHS, 1950).

ISSN 1983-6783

A vivência em grupo pode indicar memórias reconstruídas ou simuladas tal como uma representação do passado, percepções do imaginário dos indivíduos sobre um fato ocorrido e assimilação de uma representação de um fato histórico. (HALBWACHS, 1990).

Uma das funções da memória é estabelecer elos entre os membros de um grupo com base no seu passado coletivo. Ela oferece ao grupo uma perspectiva de continuidade, reforça valores buscando estabelecer vínculos. Além disso, as instituições sociais ou familiares são uma influência para a memória do grupo (HALBWACHS, 1990).

A memória coletiva funciona como um elemento formador de identidade do grupo, com isso permitindo que ele permaneça coeso por um longo período. Salienta-se que o indivíduo recorda apenas enquanto membro de determinado grupo social, pois é na sociedade que os indivíduos mais se identificam com suas memórias (HALBWACHS, 1990).

Em grupos diferentes podem haver diversas memórias coletivas, porém a história de uma nação permeia em todos os grupos. As lembranças têm sua base no social e no histórico. A reconstrução do passado se dá com o auxílio dos dados distribuídos no presente (HALBWACHS, 1990).

Le Goff (1994) é outro autor que trata sobre a memória. Para ele, a memória conserva informações que se referem ao conjunto de funções psicológicas humanas, permitindo ao indivíduo repassar impressões ou informações passadas e também as reinterpretar (LE GOFF, 1994). Segundo Le Goff (1994) há os grupos caracterizados por memória oral e outros por memória escrita. A memória oral refere-se a uma volta ao passado a partir das situações e vivências encontradas no presente. (GUARINELLO, 1998).

Para a pesquisadora brasileira Jô Gondar (2005) a memória não se apresenta de forma estática ou regular, ela coexiste entre acúmulo e perda, arquivo e restos, lembrança e esquecimento. Tem como diretriz a reconstrução permanente, compreendendo a este campo noções plásticas e móveis. (GONDAR, 2005). Para a autora, depende do conceito que vamos adotar para compreender a memória. Segundo Gondar (2005), o campo da memória social é transdisciplinar. Com isso a memória social é caracterizada para ela como polissêmica e transversal, permeando entre os grandes dogmas como filosofia, psicologia, neurociências e ciências da informação. As inserções nesses campos possibilitam vislumbrar um novo horizonte. Fronteiras serão quebradas para dar à luz a um novo conceito de memória social, estando este em constate construção.

Para Gondar (2005) a memória social é um conceito ético e político. Que envolve também uma situação que se pode considerar como adversa no que se refere aos vários entendimentos que a memória pode comportar. Portanto conceituar memória social equivale a significações diferentes. A partir destas escolhas o indivíduo passa a ser parcial nas questões éticas e políticas.

2.2 Economia Solidária

Segundo Guérin (2005) a economia solidária não se resume às cooperativas (do tipo consumo, trabalho, produção e crédito), pois são práticas que fomentam a criação de empregos, produção e comercialização coletiva, moradia coletiva, poupança e créditos solidários e outros avanços que visam rearticular não só a economia, mas também uma sociedade mais democrática e igualitária. O processo característico de produção, distribuição e consumo é visto como uma maneira de organizar as atividades econômicas, recebe o nome de economia solidária. A característica marcante na economia solidária é que se evita as figuras do patrão e empregado, onde todos são donos e administram em conjunto o empreendimento, que é o fundamento da autogestão. (SINGER, 2011).

Conforme Singer (2011) os tipos de atividades presentes na economia solidária, do tipo financeiro podem ser: cooperativas de crédito; finanças solidárias, bancos de crédito, bancos comunitários e fundos rotativos. A economia solidária atua também nos seguintes setores da economia: agricultura, agricultura familiar, pequenas propriedades e cooperativas. A base da economia solidária é que é uma questão de sobrevivência para os trabalhadores se associarem em cooperativas para combater o oligopólio dos que vão industrializar o produto

ISSN 1983-6783

produzido por eles. A economia solidária também tem representantes nos setores como os extrativistas, as quebradeiras de coco, garimpeiros, pescadores artesanais, seringueiros, artesanato, costura, cozinheiras, alimentos e brinquedos, sem falar naqueles que trabalham com produtos recicláveis. (SINGER, 2011).

No Brasil existem muitas barreiras que dificultam o registro da formalização de atividades produtivas por pessoas menos favorecidas. Um percentual muito pequeno consegue registro, pois o restante se dilui em associações e cooperativas informais. (SINGER, 2011).

Historicamente, as primeiras cooperativas foram criadas pelo inglês Robert Owen (1770/1858), considerado um socialista utópico, devido as suas ideias discutidas na New View of Society (1813), Report to the County of Lanark (1829) e The New Moral World (1834). Ele levou suas ideias para os Estados Unidos da América, com apoio de cientistas, artistas e intelectuais onde fundou uma colônia agrícola: a New Harmony em Indiana no ano de 1824, para difundir seus ideais. Desenvolveu o trabalho coletivo nas oficinas e nos campos gerando todos os serviços necessários, possibilitando assim a comunidade ser auto-suficiente. (SINGER, 2011).

Existem cadeias produtivas com viés solidário, as quais são formadas por cooperativas de economia solidária. A Justa Trama é um exemplo de cooperativa, formada por produtores e cooperativas espalhadas por quatro regiões do Brasil. A cooperativa de economia solidária do Ceará produz algodão orgânico. Outras cooperativas produzem fio e tecido como as costureiras em Minas Gerais e nos estados do sul e sudeste são produzidas bijuterias roupas, bolsas e calçados. Os produtos produzidos são vendidos para a cadeia inteira com o objetivo de que todos os estados envolvidos usufruam do mesmo benefício, ou seja, o preço justo! (SINGER, 2011).

A economia solidária pode acontecer em um sistema em que o objetivo é aproximar os produtores e consumidores, estabelecendo uma ligação em que o consumidor sabe quem produz a sua comida e ao produtor é dada a possibilidade de ouvir críticas, elogios e opiniões, tal como ocorre nas feiras de economia solidária. (SINGER, 2011). A economia solidária também pode ocorrer em larga escala, sendo, porém, mais difícil conseguir a certificação do produto, que pode ser validado como justo e ecologicamente correto, gerando assim os selos verdes e vermelhos. (SINGER, 2011).

2.2.1 Processo de Incubação

A Rede de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCP) foi criada em 1999. Esta rede procura desenvolver o cooperativismo e autogestão que é caracterizada como multidimensional, pois abrange uma face social, que interage em ações e resultados que irão beneficiar os indivíduos e o coletivo. No que se refere à face econômica, são estabelecidas situações de construção sociais de produção dentro dos coletivos. Já a face política estabelece um regramento que irá estruturar as decisões de forma coletiva, com isso respaldando de maneira justa o poder e as diferenças. (ALBUQUERQUE, 2003).

O papel da Rede ITCP tem importância vital para a economia solidária, pois visa capacitar os empreendimentos e os cooperados, legalizar o empreendimento, gerar trabalho e renda através das políticas públicas, relações sociais (coletivo), educação para a auto-gestão dos seus membros, produção e comercialização do que é produzido, além disso ter uma responsabilidade ambiental. (FRANÇA FILHO; CUNHA, 2009). O processo de incubação visa fomentar ações para o desenvolvimento e sugestões que viabilizem o pleno desenvolvimento dos empreendimentos, a partir de instituições filiadas à ITCP. (FRANÇA FILHO; CUNHA, 2009).

Na economia solidária a ITCP busca atender as seguintes atuações: a) tirar da informalidade e capacitar os associados possibilitando uma renda; b) buscar nas políticas públicas trabalho e renda e c) por meio de redes organizacionais reorganizar as ITCPs. (FRANÇA FILHO; CUNHA, 2009).

ISSN 1983-6783

3. Metodologia

Metodologicamente, este artigo pode ser considerado um estudo de caso, uma vez que, ele irá possibilitar a compreensão dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos, tornando-se dessa maneira uma ferramenta para as áreas de psicologia, sociologia, ciências políticas, administração, trabalho social, planejamento entre outras. (YIN,1983).

O uso do estudo de caso é indicado quando se pretende entender "como" e "por que" ocorre certo evento ou situação em acontecimentos contemporâneos. Essas duas indagações nos levam a um proposito explanatório delineando uma estratégia de pesquisa. (YIN,2003).

O caso estudado neste artigo refere-se à Loja Contraponto. Os dados empíricos partiram do estudo de documentação e de 3 entrevistas desestruturadas realizadas no local com o coordenador da ITCP da UFRGS e com dois integrantes da Contraponto. As entrevistas foram gravadas e os documentos analisados segundo as diretrizes da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2010). Em seguida, foi feita uma sistematização dos dados e realizada a análise de conteúdo.

3.1 Contexto do caso Contraponto

Dentro da UFRGS, a trajetória do Contraponto iniciou a partir do Ofício nº 07/2005 de 27 de outubro, em que Carlos Schmidt, Coordenador do Núcleo de Economia Alternativa (NEA), solicitou ao Espaço de Comercialização e Consumo Consciente, materializado no processo nº 23078.033295/05-71, apoiado pela coordenação do movimento dos trabalhadores rurais sem-terra (MST). Esse trâmite burocrático estendeu-se até a saída da decisão nº 029/2010 de 08 de Janeiro de 2010, assinado pelo Reitor Carlos Alexandre Neto, no qual ficou determinada a concessão do espaço localizado no Campus Centro ao lado da Faculdade de Educação (FACED), Av. Paulo da Gama nº 110, medindo 35m², para a instalação do ponto de comercialização de produtos da economia popular e solidária, cujo um dos principais objetivos é a criação de um espaço dentro da UFRGS, com a possibilidade de comercializar os produtos vindos dos assentamentos, da agricultura familiar e com base na economia popular e solidária.

A administração da loja se dá sob forma de rede, sendo gerida pelos próprios representantes dos empreendimentos de economia solidária. O Contraponto é constituído por 15 grupos, sendo eles: Associação Construção, Associarte, Bem-me-quer, Comunidade Morada da Paz, Cooperbom, Ecofiltros, Família Almeida, Geração Poa, Misturando Arte, Mulheres da Terra, Ponteio Design, Somos Soma, Utopia e Luta Victoryes e Vida Saudável.

O objetivo principal do empreendimento Contraponto é difundir os princípios e valores da economia solidária, tais como: cooperação, comércio justo, sustentabilidade, soberania alimentar, consumo responsável e respeito ao trabalho humano. Comercializando com o viés da economia solidária, o artesanato trabalha com objetos variados a partir do reaproveitamento de peças. Já o vestuário e os acessórios são produzidos ou adaptados a partir de técnicas ecologicamente responsáveis. A alimentação saudável tem como foco os alimentos agroecológicos e integrais, oferecendo lanches e refeições produzidos com produtos orgânicos, visando a qualidade nutricional de seus produtos e a responsabilidade ambiental e social. (OFÍCIO 07/2005 NEA/UFRGS).

3.2 Discussão e Análise

A Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tem no Contraponto um dos seus projetos mais desenvolvidos e estruturados. Depois de um longo período idealizando e enfrentando as barreiras para sua legalização, o projeto foi implantado. Este início pode ser visto nas palavras do Coordenador da ITCP:

> A incubadora surge de um trabalho de dois técnicos da pró-reitora de extensão envolvidos com o sindicato, educação de jovens e adultos, lutas pelas comunidades para enfim chegar na economia solidária, cuja os

ISSN 1983-6783

> principais autores foram Gonçalo Guimarães e Marcos Arruda. (Coordenador da ITCP da UFRGS, 1ª. entrevista em 27/06/2017).

O Contraponto é um espaço de comercialização consciente onde coabitam várias formas de expressão. Feito todo em estrutura de madeira e pintado de verniz, tem nas laterais amplas portas. No interior existe dois espaços bem definidos. No primeiro estão dispostas duas pequenas mesas baixas com quatro banquinhos cada e um pequeno balcão com quatro bancos altos. Estão expostos em prateleiras, em cabides ou suspensos os mais diversos objetos e peças para venda como, niqueleiras feitas de garrafa pet, bolsas reaproveitadas de tecido de guarda-chuva entre outras. No segundo espaço, há um balcão refrigerado com alimentos (bolos, pizzas, pasteis, sanduíches), uma máquina de café em grãos e um freezer com sucos e comidas congeladas, uma pequena pia e um fogão embutido. O atendimento é feito geralmente por duas pessoas, uma que fica no caixa e a outra no balcão. No exterior estão dispostas mesas e cadeiras de PVC. O local é cercado por várias árvores de grande porte e também tem um pequeno jardim com plantas ornamentais, pedras e uma estrutura em bambu.

O objetivo principal do empreendimento Contraponto é difundir os princípios e valores da economia solidária, tais como: cooperação, comércio justo, sustentabilidade, soberania alimentar, consumo responsável e respeito ao trabalho humano. Sobre a consecução do objetivo, o coordenador da ITCP relata que:

> Além das aulas de educação de jovens e adultos (EJA), discutia-se também os problemas da comunidade e dos trabalhadores, nos anos de 97/98 grandes dificuldades financeiras enfrentadas pelos trabalhadores. (Coordenador da ITCP da UFRGS, 1ª. entrevista em 27/06/2017)

A administração do Contraponto se dá sob forma de rede em um modelo de autogestão, sendo gerida pelos próprios empreendimentos de economia solidária (SINGER, 2008). O Contraponto é constituído por 15 grupos, sendo eles: Associação Construção, Associarte, Bem-me-quer, Comunidade Morada da Paz, Cooperbom, Ecofiltros, Família Almeida, Geração Poa, Misturando Arte, Mulheres da Terra, Ponteio Design, Somos Soma, Utopia e Luta Victoryes e Vida Saudável. Na Contraponto, observa-se um esforço pelo gerenciamento pela autogestão que é caracterizada pela gestão democrática que realizada entre os participantes dos empreendimentos da economia solidária (SINGER, 2008). Em grupos diferentes podem haver memórias distintas, porém a história em comum permeia em todos os grupos. A reconstrução do passado se dá com o auxílio dos dados distribuídos no presente (HALBWACHS, 1990). As evidências indicam que a heterogeneidade dos grupos formadores do Contraponto, não impede que convirjam para as práticas da ES, trazendo consigo cada um a sua identidade. Apesar das diferenças o objetivo em comum é fazer acontecer o empreendimento de uma maneira coletiva.

Durante as entrevistas com participantes da Contraponto ficou claro que eles tiveram muitas vivências, porém essas não foram e não estão registradas em sequência cronológica. Poderia se dizer que muitas das memórias compartilhadas com os diversos grupos, estão mais na oralidade de seus integrantes. Segundo Le Goff (1994) a memória coletiva tem um marco importante nestas lembranças orais. O Contraponto é um grupo que se apropria da escrita, porém um dos pontos que fica mais evidenciado é o poder da oralidade a respeito da sua trajetória, uma vez que carece de uma sistematização. Coadunando com Le Goff (1994) o ideal para o Contraponto, seria lançar luz sobre essa memória oral, que não está devidamente sistematizada. Possibilitando assim que não fique apenas no saber dos integrantes dos grupos, mas que possa ser registrada para difundir seu conhecimento construído ao longo dos anos.

4. Considerações Finais

A partir da análise do estudo de caso da loja Contraponto os resultados indicam que houveram dois momentos principais de sua trajetória. O primeiro momento refere-se a um trabalho institucional em seguida a um momento social.

ISSN 1983-6783

No primeiro momento o surgimento da loja Contraponto deu-se por um ato administrativo gerido pelo coordenador Carlos Schmidt do Núcleo de Economia Alternativa que visava a implantação de um espaço de comercialização e consumo consciente.

Além disso, o empreendimento surge com o intuito de atender a demanda das mulheres e jovens da comunidade acadêmica engajados em movimentos sociais. Tais movimentos referem-se ao das mulheres camponesas e dos trabalhadores rurais sem terra, comercializando os produtos produzidos por eles.

Portanto, observa-se que, em um lapso de 5 anos, deu-se o trâmite da criação, implantação e atendimento das especificações propostas para o seu funcionamento, que foi assinado pelo Reitor Carlos Alexandre Neto, finalizando-se o momento institucional.

O momento seguinte refere-se ao envolvimento do coletivo de artesãos, confecção e, agricultura familiar com ênfase em alimentos orgânicos, naturais e integrais. São em torno de 15 grupos das mais diversas categorias. Cada um com uma necessidade e capacidade específica em que foram construindo a memória e identidade do grupo, enfrentando os desafios de vivenciarem a economia solidária e a autogestão. Com o auxílio da ITCP foi oportunizado aos grupos formadores capacitações para que colocassem em prática as ações da economia solidária e autogestão.

Observa-se que na loja Contraponto no que se refere a memória coletiva, as recordações estão contidas nas falas das pessoas, sendo uma necessidade organizar adequadamente para registros futuros.

Em contrapartida, no que se refere aos documentos os mesmos não estão organizados e identificados adequadamente. Desta maneira ocultando as lembranças dos grupos na formação de sua história.

Em outras palavras há um vasto campo a ser aprofundado a respeito da memória social e coletiva junto à ITCP da UFRGS e ao trabalho dentro da economia solidária naquela instituição.

Referências

GONDAR J., Cinco proposições sobre memória social. **Revista Morpheus**, Edição especial, v.9, n.15, 2016.

GUÉRIN, Isabelle. (2005) p 79, **As mulheres e a economia solidária**. São Paulo: Edições Loyola.

HALBWACHS, M, M**emória coletiva**. São Paulo: Editora revista dos tribunais LTDA, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora. Unicamp, 1994.

LECHAT, N. M. P., BARCELOS, E. S., Autogestão: desafios políticos e metodológicos na incubação de empreendimentos econômicos solidários, publicado **Rev. Katálysis**. Florianópolis, v.11n.1p.96104jan/jun.2008.Disponívelem:<www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141449802008000100009&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>.

LEITE, M. P. A economia solidária e o trabalho associativo: teorias e realidades. **RBCS – Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 24, n. 69, p. 31-51, fev./2009.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, jul. 1992. ISSN 2178-1494. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 13 Ago. 2017AUGR. M. **Memória e identidade social** Michel Pollak, publicado. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, edição Dora Rocha v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: < http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>.

ISSN 1983-6783

SINGER, Paul. Economia Solidaria com Paul Singer 1_3. TV Senado. 2011. **Youtube**. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=Wt4PjlDFUtU> Acesso em: 10 ago. 2017.

YIN. Robert K, **Estudo de caso: planejamento e métodos** Porto Alegre tradução Daniel Grassi 2ª. Edição editora Bookman. 2001.